

A Epopéia de
Gilgamesh

Anônimo



*A Epopéia de
Gilgamesh*

Anônimo

Martins Fontes

Tradução de Carlos Daudt de Oliveira
ISBN 85-336-1389-X

Sumário

Introdução

Agradecimentos

A Epopéia de Gilgamesh

Prólogo: Gilgamesh, rei de Uruk

1. A chegada de Enkidu

2. A jornada na floresta

3. Ishtar e Gilgamesh, e a morte de Enkidu

4. A busca da vida eterna

5. A história do dilúvio

6. A volta

7. A morte de Gilgamesh

Glossário onomástico

Apêndice: fontes

Introdução

1. A história da Epopéia

A Epopéia de Gilgamesh, o famoso rei de Uruk, na Mesopotâmia, provém de uma era totalmente esquecida até o século passado, quando os arqueólogos começaram a escavar as cidades soterradas do Oriente Médio. Até então, toda a história relativa ao longo período que separa Noé de Abraão estava contida em dois dos livros menos atraentes, por serem de cunho genealógico, do Livro do Gênesis. Destes capítulos, apenas dois nomes são lembrados até hoje no linguajar cotidiano: o do caçador Nimrod e o da torre de Babel. O ciclo de poemas reunidos em torno de Gilgamesh nos leva, contudo, de volta ao meio daquele período.

Estes poemas têm direito a um lugar na literatura mundial, não apenas por precederem às epopéias homéricas em pelo menos mil e quinhentos anos, mas principalmente pela qualidade e originalidade da história que narram. Trata-se de uma mistura de pura aventura, moralidade e tragédia. Por meio da ação estes poemas nos revelam uma preocupação bastante humana com a mortalidade, a busca do conhecimento e a tentativa de escapar ao destino do homem comum. Os deuses não podem ser trágicos, pois não morrem. Se Gilgamesh não é o primeiro herói humano, é o primeiro herói trágico sobre o qual conhecemos alguma coisa. É aquele com quem mais nos identificamos e que melhor representa o homem em busca da vida e do conhecimento, uma busca que não pode conduzi-lo senão à tragédia. Pode talvez causar alguma surpresa o fato de que algo tão antigo quanto uma história do terceiro milênio a.C. tenha ainda algum poder para comover e continuar atraindo leitores no século XX; isto no entanto acontece. A narrativa está incompleta e pode ser que continue assim; ela é, porém, o mais admirável poema épico que nos chegou de todo o

período anterior ao aparecimento da *Iliada* de Homero; e é também incomparavelmente mais antigo.

Temos boas razões para crer que a maior parte dos poemas de Gilgamesh já haviam sido escritos nos primeiros séculos do segundo milênio a.C. e que provavelmente já existiam numa forma bastante semelhante muitos séculos antes disso, ao passo que o texto definitivo e a edição mais completa da epopéia vêm do século VII, da biblioteca de Assurbanipal, antiquário e último dos grandes reis do Império Assírio. Assurbanipal foi um grande general, o saqueador do Egito e de Susa; mas foi também o compilador de uma notável biblioteca, composta por documentos relativos à história contemporânea e por hinos, poemas e textos científicos e religiosos muito mais antigos. Ele nos conta que enviou seus servos aos antigos centros de saber de Babilônia, Uruk e Nippur para que pesquisassem seus arquivos e copiassem e traduzissem para o semítico acadiano da época os textos escritos na antiga língua suméria da Mesopotâmia. Entre esses textos, "Copiados segundo o original e cotejados no palácio de Assurbanipal, Rei do Mundo, Rei da Assíria", estava o poema que chamamos a Epopéia de Gilgamesh.

Não muito depois de este trabalho de cotejo ter sido concluído, a epopéia virtualmente perdeu-se e o nome do herói foi esquecido, deturpado ou desfigurado até se tornar praticamente irreconhecível — até ser redescoberto no século passado. Esta descoberta deveu-se, em primeiro lugar, à curiosidade de dois ingleses, e depois ao trabalho de muitos estudiosos em diferentes partes do mundo, que juntaram, copiaram e traduziram as tábuas de argila onde o poema foi escrito. Esta é uma obra ainda em andamento, e a cada ano que se passa mais lacunas são preenchidas; mas o corpo principal da epopéia assíria não tem sido alterado em seus aspectos essenciais desde a monumental publicação do texto, Com transliteração e comentários, por Campbell Thompson, em 1928 e 1930. Mais recentemente, contudo, atingiu-se um novo estágio, e uma nova onda de interesse surgiu em torno do trabalho do Professor Samuel Kramer, da Pensilvânia, cujo cotejo e tradução dos

textos sumérios leva a história da epopéia

de volta ao terceiro milênio antes de Cristo. Já é possível agora combinar e comparar um corpo de escritos bem maior e bem mais antigo do que o que tínhamos até então.

2. A descoberta das tábuas

A descoberta das tábuas remonta à era heróica das escavações, em meados do século XIX, quando, embora os métodos não fossem sempre tão escrupulosos nem os objetivos tão estritamente científicos como hoje, as dificuldades e até mesmo os perigos do empreendimento eram bem maiores, e os resultados causavam um impacto capaz de alterar profundamente a perspectiva intelectual da época. Em 1839, um jovem inglês, Austen Henry Layard, partiu com um amigo para uma viagem por terra até o Ceilão; mas ele se deteve por algum tempo na Mesopotâmia para fazer um reconhecimento das colinas assírias. A demora de algumas semanas se estendeu por anos, mas por fim Nínive e Nimrud foram escavadas; e foi de uma dessas escavações que Layard trouxe para o Museu Britânico uma grande parte de sua coleção de esculturas assírias, junto com milhares de tábuas quebradas do palácio de Nínive.

Quando Layard começou a escavar em Nínive, esperava encontrar inscrições; mas a realidade, uma biblioteca soterrada contendo toda uma literatura perdida, superou suas maiores expectativas. Na verdade, a extensão e o valor da descoberta só foram avaliados posteriormente, depois que as tábuas com caracteres em forma de cunha foram decifradas. Como era de esperar, algumas dessas tábuas se perderam; mas mais de vinte e cinco mil tábuas quebradas, uma quantidade enorme, foram levadas para o Museu Britânico. O trabalho de decifração foi iniciado por Henry Rawlinson, na

residência oficial do governador-geral em Bagdá, onde Rawlinson ocupava o cargo de agente político. Antes de ir para Bagdá, Rawlinson, então um oficial do exército a serviço da Companhia das Índias Orientais, havia descoberto aquilo que acabaria se revelando a principal chave para a decifração do cuneiforme: uma grande inscrição, a "Inscrição de Dario", encontrada na rocha de Behistun, perto de Kermanshah, na Pérsia, escrita em caracteres cuneiformes em três línguas — o persa, o babilônico e o elamita arcaicos. O trabalho iniciado por Rawlinson em Bagdá prosseguiu no Museu Britânico quando o orientalista retornou à Inglaterra em 1855. Logo após seu retorno, começou a publicar *Cuneiform Inscriptions of Western Ásia*. Em 1866, George Smith juntou-se a Rawlinson como assistente no trabalho de decifração das tábuas. Nesse meio tempo, Rassam, o colaborador e sucessor de Layard em Nínive, havia escavado em 1853 a parte da biblioteca em que estavam as tábuas com o cotejo assírio da Epopéia de Gilgamesh. A importância da descoberta só foi percebida vinte anos mais tarde, quando em dezembro de 1872, num encontro da recém-fundada Sociedade de Arqueologia Bíblica, George Smith anunciou: "Pouco tempo atrás, descobri entre as tábuas assírias no Museu Britânico um relato do dilúvio." Era a décima primeira tábua da recensão assíria da Epopéia de Gilgamesh. Logo depois desta revelação, Smith publicou *Chaldean Account of the Deluge*, contendo um resumo da narrativa de Gilgamesh. O interesse foi imediato e geral; mas a própria tábua do Dilúvio estava incompleta, e isto fez com que se iniciasse uma nova busca para trazer de volta mais tábuas. O *Daily Telegraph* contribuiu com mil guinéus para que fossem feitas mais escavações em Nínive. George Smith comandaria o trabalho em nome do Museu Britânico. Pouco depois de sua chegada a Nínive, Smith encontrou as linhas que faltavam da descrição do dilúvio. Este material era na época, e ainda é, a parte mais completa e bem preservada de toda a epopéia. Muitas outras tábuas foram achadas naquele ano e no ano seguinte, e Smith pôde reconstituir a maior parte da versão assíria antes de sucumbir, em 1876, à doença e

à fome, vindo a falecer perto de Alepo aos trinta e seis anos; mas já desbravara todo um novo território na área dos estudos bíblicos e da história antiga.

Ao publicar o "Dilúvio" assírio, Smith afirmou tratar-se evidentemente de uma cópia de uma versão muito mais antiga feita em Uruk, a Erech da Bíblia, conhecida hoje como Warka. Alguns anos antes, entre 1849 e 1852, W. K. Loftus, membro da Comissão de Fronteira Turco-Persa, passara duas curtas temporadas escavando em Warka, onde encontrou curiosos restos, inclusive tábuas e aquilo que hoje sabemos ser paredes de mosaico do terceiro milênio. Mas Warka teve de esperar até os anos vinte e trinta deste século para vir a receber mais atenção; foi quando os alemães empreenderam grandes escavações que revelaram uma longa série de construções, bem como tábuas e esculturas. Graças a esse trabalho, sabe-se muito hoje em dia a respeito da antiga Uruk, de seus templos e da vida de seus habitantes.

Ainda mais importantes para a história da Epopéia de Gilgamesh foram as atividades de uma expedição americana da Universidade da Pensilvânia, comandada por John Punnet Peters, que ao final do século XIX começou a trabalhar no monte de Niffer, a antiga Nippur, no sul do Iraque. Já se tinha nessa época bem mais experiência com os problemas que envolviam a escavação de cidades antigas; mas ainda assim os riscos eram enormes. O primeiro período em Nippur, 1888-9, começou alegremente com a chegada de Peters e seu grupo ao sítio de escavação, depois de um galope desenfreado através dos bambuzais em cima de fogosos garanhões; mas sua última visão do monte ao final da temporada foi a de árabes hostis executando uma dança de guerra nas ruínas do acampamento. O trabalho continuou, contudo, no ano seguinte, e um total de trinta a quarenta mil tábuas foram encontradas e distribuídas entre museus na Filadélfia e Istambul. Em um pequeno grupo destas tábuas encontram-se as versões mais antigas do ciclo de Gilgamesh na língua suméria. O trabalho em campo e nos museus continua. Com a publicação das tábuas de Ur que se

encontram no Museu Britânico, novos acréscimos foram feitos ao texto conhecido. Foram também identificadas tábuas em Bagdá e em outras partes, algumas de importância histórica, outras diretamente relacionadas ao texto. A dispersão deste material tem complicado o trabalho de decifração, pois, em alguns casos, metade de uma tábua importante está guardada na América e a outra em Istambul, fazendo-se necessário juntar cópias de ambas as partes para que seu conteúdo possa ser compreendido.

A maioria dos textos antigos são documentos comerciais e administrativos, arquivos de negócios, listas e inventários que, embora sejam profundamente interessantes para o historiador, não o são para o leitor médio. A recente decifração da escrita conhecida como "linear B", da Era do Bronze de Micenas e Creta, não revelou literatura alguma. Uma enorme biblioteca descoberta em Kültepe, na Anatólia Central, compõe-se integralmente de registros de transações comerciais; excetuando-se um solitário texto, que, além disso, é uma maldição, não há ali nada de natureza literária. A importância das escavações em Nippur, Nínive e outros grandes centros da antiga civilização mesopotâmica é terem restaurado uma literatura de alta qualidade e de caráter único.

A Epopéia de Gilgamesh deve ter sido bastante conhecida no segundo milênio antes de Cristo, pois encontrou-se uma versão da narrativa nos arquivos da capital imperial hitita em Boghazköy, na Anatólia, escrita em acadiano semítico; e foi também traduzida para o hitita indo-europeu e para a língua hurrita. Encontraram-se partes da epopéia em Sultantepe, no sul da Turquia; e um fragmento, pequeno mas importante, descoberto em Megido, na Palestina, aponta para a existência de uma versão cananéia ou palestina mais moderna, o que sugere a possibilidade de os primeiros autores da Bíblia estarem familiarizados com a história. O fragmento palestino vem da tábua que descreve a morte de Enkidu. A versão que mais se aproxima deste fragmento é a do conhecido relato de Boghazköy. As escavações feitas

em Ras Shamra, a antiga Ugarit, na costa síria, trouxeram de volta à vida uma literatura épica independente, cujas versões escritas datam em sua maioria da segunda metade do segundo milênio. Esta literatura era também conhecida na capital hitita, e um de seus fragmentos refere-se a uma narrativa do dilúvio que provavelmente foi derivada da narrativa de Gilgamesh. Percebe-se, então, que as várias tradições literárias da época, incluindo as hititas, coincidiam em muitos pontos e às vezes chegavam a se misturar, e recentemente levantou-se a hipótese da provável existência de uma tradição poética egéia-micênica bem semelhante, cujos elementos teriam sobrevivido à era das trevas e reaparecido na poesia homérica e na poesia grega posterior. Toda a questão envolvendo a data e a natureza deste indiscutível elemento asiático na mitologia e nas primeiras produções poéticas da Grécia ainda está sob discussão e se mantém envolta em incertezas.

Tenha ou não chegado ao Egeu a fama de Gilgamesh de Uruk — e esta é uma idéia fascinante —, não resta a menor dúvida de que o herói gozou de tanto renome quanto qualquer outro de tempos posteriores. Seu nome tornou-se aos poucos tão familiar que passaram a lhe imputar anedotas e outras invenções, como numa fraude popular que sobreviveu em tábuas do século VIII a.C, que provavelmente são cópias de um texto mais antigo. Trata-se de uma carta supostamente escrita por Gilgamesh a um outro rei, com ordens para que enviasse uma quantidade absurda de gado e metais, assim como de ouro e pedras preciosas, que serviriam à confecção de um amuleto para Enkidu, que não pesaria menos de quinze quilos. A anedota deve ter sido muito bem recebida, pois sobreviveu em quatro cópias, todas de Sultantepe. O texto foi recentemente traduzido e publicado pelo Dr. Oliver Gurney.

3. O contexto histórico

As escavações arqueológicas e a decifração dos textos ensinaram-nos muito a respeito do contexto histórico e literário da Epopéia. Embora somente a última versão, a da biblioteca de Assurbanipal, tenha sobrevivido em forma relativamente completa, a impressão que se tem é de que todos os elementos mais importantes da história existiam como poemas separados na literatura suméria mais antiga; poemas estes que podem ter sido, e é quase certo que foram, compostos e recitados oralmente muito antes de terem sido registrados em forma escrita. Embora nenhum elemento da história possa ser posterior à destruição de Nínive no século VII, uma situação típica do terceiro milênio é discernível por detrás de grande parte da ação e provavelmente proporcionou seu contexto. A tradição por trás disso remonta mais uma vez à era anterior ao aparecimento da escrita, na fronteira entre a lenda e a história, um pouco depois do Dilúvio, quando os deuses foram substituídos pelos mortais nos tronos das cidades-estados. Estamos falando da civilização suméria arcaica. Os sumérios foram os primeiros habitantes da Mesopotâmia a conhecer a escrita, e é na língua deles que foram escritas as mais antigas tábuas de Nippur relacionadas a Gilgamesh. Eles já haviam irrigado o país e povoado o território com suas cidades antes da invasão das tribos semíticas no decorrer do terceiro milênio. Os próprios sumérios devem ter sido conquistadores a entrar na região pelo norte e pelo leste durante o quarto milênio. A influência deste povo talentoso, demonstrada nas leis, na língua e no campo das idéias, persistiu por muito tempo após a invasão de seus vizinhos semitas. Esta influência tem sido comparada, e com justiça, à de Roma sobre a Europa medieval. Seu idioma continuou sendo utilizado na escrita, como o latim na Idade Média, por muitos séculos após a perda de sua identidade política. Por isso, não representa anacronismo algum o fato de encontrarmos os primeiros textos de

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

